

PSICANÁLISE E ARTE: A ELABORAÇÃO DO LUTO POR MEIO DA SUBLIMAÇÃO¹

Victor César Simão Petrosino²

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente³

RESUMO:

O presente artigo visa relacionar, a partir de uma perspectiva psicanalítica freudiana e lacaniana, a produção artística e o luto. O ponto de partida para esta associação se deu pelo questionamento da possibilidade de se elaborar o processo de luto por meio da expressão artística. Trazendo uma análise do texto freudiano de 1915, Luto e Melancolia, e explorando o conceito de sublimação por meio das definições de Freud e Lacan, objetivou-se analisar como ocorre a elaboração do processo de luto pela via artística, além de, mais especificamente, explorar a arte enquanto representação da linguagem que ajuda a sustentar e suportar a perda. Sabendo que, na teoria freudiana, o luto se conclui na aquisição de um traço do objeto no eu, a partir de uma revisão narrativa foi explorado nas produções artísticas a externalização do eu e do objeto. Esta elaboração contou com artigos científicos e bibliografias clássicas e contemporâneas da psicanálise ao trazer autores como Freud, Lacan, Quinet, Dunker, Ligeiro e Lobraico. Por fim, este estudo se dá como uma tentativa de contribuição para a compreensão da sublimação pela arte como uma saída possível para o processo de elaboração do luto, criando novas formas para se compreender a dor pela perda do objeto amado.

Palavras-chave: Arte. Psicanálise. Sublimação. Luto. Produção Artística.

PSYCHOANALYSIS AND ART: THE ELABORATION OF MOURNING THROUGH SUBLIMATION

ABSTRACT:

This article aims to relate, from a Freudian and Lacanian psychoanalytic perspective, artistic production and mourning. The starting point for this association was the questioning of the possibility of elaborating the grieving process through artistic expression. Bringing an analysis of Freud's 1915 text, Mourning and Melancholy, and exploring the concept of sublimation through the definitions of Freud and Lacan, the objective was to analyze how the elaboration of the grieving process occurs through the artistic way, in addition to, more specifically, exploring art as a representation of the language that helps to sustain and support loss. Knowing that, in Freudian theory, mourning is concluded in the acquisition of a trace of the object in the self, from a

¹Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 18/05/2024 e aprovado, após reformulações, em 18/06/2024.

²Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: vpetrosino@gmail.com.

³Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: rcacastelo@bol.com.br.

narrative review, the externalization of the self and the object was explored in artistic productions. This elaboration relied on scientific articles and classic and contemporary bibliographies of psychoanalysis by bringing authors such as Freud, Lacan, Quinet, Dunker, Leve and Lobraico. Finally, this study is an attempt to contribute to the understanding of sublimation through art as a possible way out for the process of elaboration of mourning, creating new ways to understand the pain for the loss of the beloved object.

Keywords: Art. Psychoanalysis. Sublimation. Mourning. Artistic Production.

1 INTRODUÇÃO

A arte e a psicanálise se apresentam de maneira recíproca, ambas têm a intenção de dar sentido às vivências humanas. A arte pode se apresentar de diversas formas como, por exemplo, a literatura, a dramaturgia e as artes plásticas. Por vezes, a psicanálise se utiliza da arte para interpretar e analisar o ser humano (Lobraico, 2006), isso porque “[...] todas as manifestações artísticas possuem o dom de momentaneamente liberar o ser humano do individual, do querer, do desejar, que lhe é inato por também ser um ente causado pela vontade” (Lopes, 2006, p. 75). Conforme proposto por Monteiro (2006, p. 107), “[...] o poeta faz belo o vulgar e desvenda a beleza invisível [...]”, já o analista interpreta as metáforas da arte para seu analisando, dando sentido àquilo que foi produzido e exposto por ele através do seu discurso e através do sintoma.

Na contemporaneidade, o luto continua sendo um tema muito presente no campo da psicanálise, sendo a pesquisa desse conceito algo de extrema importância, uma vez que podemos visualizar o luto sendo proposto em muitas manifestações cotidianas, como, por exemplo, letras de música, poesia, apresentações teatrais, esculturas, pinturas e em personagens fictícios da cultura popular presentes em filmes, séries, animações e livros. Essas representações vigoram como diferentes formas de se sublimar grandes perdas diante de diferentes atuações e contextos.

Em algumas obras, o luto se destaca como principal motivação para o desenvolvimento da história a ser contada, servindo como um pontapé inicial para uma atitude futura do personagem ou algo que desperte no artista a necessidade de reproduzir os sentimentos pessoais. Para Tiburi (2010), na contemporaneidade, a arte se apresenta como uma experiência enlutada, em outras palavras, uma imitação do

que já foi e, em um mundo em crise de sentido e de obsolescência de seu conceito, resta apenas a sua memória. Neste contexto, “[...] arte não é mais a bela arte, ainda que possamos com muito esforço descobrir nas obras que beleza também é um conceito e, como tal, uma visão das coisas” (Tiburi, Não paginado). Neste contexto, encará-la é vivenciar o luto tal qual uma exposição.

O presente trabalho contou com uma pesquisa de caráter exploratório, na qual a análise de dados foi feita através de uma revisão bibliográfica. A coleta de dados foi realizada de forma qualitativa com artigos publicados em português nas últimas duas décadas no *Scielo*, *Google acadêmico* e *Pepsic*, as palavras-chave utilizadas foram luto, arte e psicanálise. Também foram utilizadas obras clássicas freudianas e de outros autores referência dentro da teoria psicanalítica.

O trabalho tem como ponto de partida a seguinte questão: Diante da expressão produzida em uma obra artística é possível que seja feita a elaboração de um processo de luto? Considerou-se como hipótese que a partir da produção de uma obra, independente de qual seja a forma pela qual é expressa, por meio da pintura, escrita, escultura, atuação ou interpretação, é possível que o artista consiga diante deste ato trazer à tona seus sentimentos no que se refere à uma caracterização pessoal que o ajude a elaborar um luto vivenciado, sendo assim mais fácil de superar suas dificuldades acerca de um período conturbado (Lobraico, 2006). Nas mais variadas obras artísticas ao longo de toda a história da humanidade, é possível perceber que os sentimentos têm um local primordial em qualquer manifestação da vida de um sujeito. O artista pode se agarrar à arte para expor seus mais profundos momentos de sofrimento e pesar, como no luto.

O trabalho teve como objetivo geral analisar as mais variadas manifestações artísticas e sua correlação com a elaboração do Luto sob a perspectiva psicanalítica, e como objetivos específicos buscou analisar como a arte toma lugar na elaboração do luto; verificar nas produções artísticas a externalização do Eu e do objeto, tendo principalmente a música e a pintura como uma representação da linguagem que ajuda a sustentar e suportar esta perda e investigar a vivência do luto, por uma perspectiva psicanalítica e a manifestação deste a partir da sublimação nas produções artísticas. A ideia surgiu a partir da observação do processo descrito a seguir:

O medo de perder ou sentir dor pelo que já foi perdido [...] suscitam o desejo de restaurar e recriar tanto os objetos amados quanto o próprio mundo interno

que foi destruído. E é esse desejo de restaurar que leva à capacidade de criar e de sublimar (Vieira; Cintra, 2016, p. 52).

Freud foi um aficionado pela arte, diversas vezes se pronunciou criticamente diante dos artistas e incorporou a arte como uma certa solução de compromisso, uma forma de fugir da realidade (Rossi, 2009). Desse modo se pressupõe que a partir da produção artística, é possível uma elaboração do luto.

2 ARTE E PSICANÁLISE

Sigmund Freud era um admirador da arte e, também, um colecionador. Sempre esteve muito próximo dessa forma de expressão humana, de maneira que o autor se manifestou em diversos momentos de forma crítica e rigorosa a respeito de produções artísticas e seus criadores, demonstrando que o que é retratado através da arte não deixa de ser uma forma de fugir da realidade (Rossi, 2009). Visto que há essa íntima proximidade entre o criador da psicanálise e a produção artística, o presente capítulo busca discutir e comparar a relação entre a arte e a psicanálise, mas o que aproxima estes dois elementos e como eles podem ser definidos pela teoria psicanalítica? Desde o início de sua construção teórica Freud manteve intimamente essa relação entre arte e psicanálise, como descrito a seguir:

Freud, em seu percurso para criar a psicanálise fez muitas referências à arte, algumas diretamente relativas ao artista e ao processo artístico, outras se preocupando mais especificamente com a própria obra, havendo também estudos dirigidos aos efeitos que estas produzem em quem é tocado por elas (Autuori; Rinaldi, 2014, p. 301).

Segundo Autuori e Rinaldi (2014), Freud compreende a arte por meio das experiências vividas pelo artista e pelo psiquismo que é gravado na obra através de seu autor. Um exemplo disto é a análise que Freud fez das obras de Leonardo da Vinci publicado em seu texto de 1910 **Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância**. Para o psicanalista, os afetos de Da Vinci eram transformados em objeto de interesse intelectual, confirmando sua hipótese a partir da frase do pintor “[...] não se tem o direito de amar ou odiar qualquer coisa da qual não se tenha conhecimento profundo” (Freud, 1977, p. 71).

Freud esclarece que a psicanálise aponta detalhes importantes que não teriam a atenção de um biógrafo comum, mas que o real vivenciado pelo artista tem mais

relevância para o psicanalista (Autuori; Rinaldi, 2014). A arte se expande por toda parte, através dela o homem sintomatiza, “[...] Lacan nos aponta para uma generalização da arte como sintoma quando situa a arte como o natural do homem [...]” (Quinet, 2019, p. 222). Nesse sentido, o inconsciente teatral, apresentado em uma relação muito próxima da psicanálise como sendo uma expressão artística que acrescenta uma dimensão representativa, demonstra que a arte para psicanálise não apenas tem importância em uma análise como conteúdo a ser transmitido, mas também na sua forma de tocar o espectador (Quinet, 2019).

De acordo com Ligeiro e Coutinho Jorge (2018), é através da realidade psíquica, por meio de um caráter sexual, que o sujeito elege os seus objetos estabelecendo assim os seus laços. Enfatizando a fantasia, ou seja, a vida imaginária e a representação subjetiva da própria história (Roudinesco; Plon, 1998), e os desejos inconscientes, é dada coerência e consistência para o sujeito a partir da realidade psíquica, enquanto se tratando da realidade material, os objetos do ambiente físico é que estão em vigor.

Para Ligeiro e Coutinho Jorge (2018), Duchamp define o conceito de “Ato criador” onde artista e o público seriam dois polos da criação artística. Segundo o autor não é possível que a produção do artista seja vista como objeto de arte sem que exista um público. Sendo assim, é o público quem dá o valor social da arte, pois é este que une o mundo externo e a obra (Ligeiro; Coutinho Jorge, 2018). Além disso, Duchamp considera que a arte transmite razões que levam o artista a produzir, e dessa forma o público passa a conhecê-las. Assim Duchamp definiu o conceito de “Osmose Estética”, que nas palavras de Ligeiro e Coutinho Jorge (2018, p. 20) pode ser compreendido como “[...] a obra é um recurso de transmissão entre aquele que a fez e o espectador, promovendo um laço social entre eles”.

Um exemplo do que Duchamp propõe em 1965, segundo Ligeiro e Coutinho (2018), pode ser observado no filme “*Pink Floyd: The Wall*” lançado em 1982, que foi dirigido por Alan Parker. O longa metragem não possui diálogos, nem mesmo uma narrativa retilínea, é direcionado apenas pelas músicas compostas por Roger Waters (baixista e compositor da banda *Pink Floyd*). A história retratada é a do personagem Pink, um rapaz depressivo que não foi capaz de elaborar o luto pela perda de seu pai na guerra, Pink passava o dia trancado em casa sem permitir que ninguém entrasse, lá ficava assistindo antigos filmes de guerra fomentando o ódio por aqueles que

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p.283-301, jul./dez. 2024 – ISSN 2674-9483

mataram seu pai. Pink não conseguiu sublimar nem lidar com essa perda e continuou paralisado, fazendo uso de medicamentos e drogas entorpecentes de forma compulsiva. Roger Waters compôs um álbum retratando suas insatisfações e dificuldades em lidar com todas essas sensações que inspiraram o filme, essas músicas que até hoje são tocadas em suas apresentações pelo mundo. Sendo assim, pode-se observar que o personagem Pink surge diretamente de Roger Waters, pois ambos não conseguiram desapegar da perda de seus respectivos objetos. Roger Waters passou pela perda de seu pai na segunda guerra mundial e, até atualmente, em seus shows, usa a música como uma forma de sublimação, conceito este que será abordado mais à frente.

Retomando Duchamp, ainda neste texto, o autor apresenta a noção de coeficiente artístico, o qual se encontra presente em toda obra de arte. O coeficiente artístico é a diferença entre o que o artista intencionou realizar na obra e o que realizou de fato. Tal proposição aritmética revela que algo permanece como impossível de ser expresso na obra de arte, malgrado as intenções do artista e, mais essencialmente ainda, que algo é expresso de forma não intencional (Ligeiro; Coutinho, 2018).

No contexto atual, a arte é produzida na diretriz da tragédia, conforme descrição a seguir:

Podemos dizer, nestes tempos, que a arte se faz na ordem do trágico, este sentimento da “morte em mim”, da morte como experiência subjetiva, como imagem da melancolia que nada mais é do que a morte do eu e do pensamento que sempre foi a prova de que existia algo chamado “eu” (Tiburi, 2010, Não paginado).

Desde os tempos mais remotos, a arte se faz presente na humanidade, tendo uma função de representação social e, também, uma necessidade do homem de externalizar seus sentimentos, derivados da relação pessoal com o mundo, o artista então, introduz em sua obra uma parte de sua história individual ou coletiva (Biesdorf, 2012). O artista diante de sua produção se relaciona com o produto criado de forma que por meio do simbólico, ou seja, de um sistema de representação baseado na linguagem conforme teoria laciana (Roudinesco; Plon, 1998), haja uma reconstrução das estruturas internas, havendo um desprendimento das inibições. A arte é mais do que uma ferramenta reveladora do que está internalizado, mas também uma forma de suporte que possibilite o sujeito a seguir seu caminho, sendo possível

identificar nesse processo a verdade de si mesmo diante de seus conflitos (Martins, 2012).

Em resumo, a partir de uma perspectiva psicanalítica, podemos inferir que a arte compartilha com o luto o trabalho de reconstrução subjetiva. Na sessão seguinte será explorado de forma mais detalhada o trabalho do luto.

3 O TRABALHO DO LUTO

Freud define o luto como “[...] reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (Freud, 1974, p. 275). Para diferenciar o luto da melancolia, é preciso perceber as características presentes na melancolia como perturbação da autoestima, em que o sujeito expressa uma autopunição e o empobrecimento do ego; o desinteresse pelo mundo externo e por atividades; desânimo profundo, e a incapacidade de amar.

Já no luto, ao contrário da melancolia, o sujeito consegue adotar um novo objeto⁴ de amor, para substituir o objeto perdido, depredando o objeto anterior e se afastando de atividades que o lembrem do objeto perdido, pois o mundo externo se torna vazio e assim, é possível elaborar sua perda. Freud esclarece que o processo do luto realiza um trabalho em que o sujeito percebe que o objeto amado foi perdido e a partir disso, retira a libido investida neste objeto (Freud, 1974).

Trata-se de uma reorganização libidinal imprescindível de investimento nos objetos que irá mobilizar o Eu e as moções inconscientes. A psicanálise atribui ao luto um caráter excêntrico, o qual é possível ser vivenciado com mais de uma maneira, nas quais envolvem perdas que se relacionem com a morte, ou outras perdas particulares (Souza; Pontes, 2017). Freud, dessa forma, compreendeu o luto como um processo de elaboração que, com o tempo, naturalmente seria algo superado, não sendo visto, por ele como algo deveras patológico (Freud, 1974).

Sendo o luto então elaborado, Freud teoriza que o Eu se torna livre novamente e defronte de um exame da realidade comprovando que o objeto passa a não existir mais. O Eu, então, precisa fazer a escolha de manter-se ou não direcionado à tal

⁴Representações psíquicas para onde se direcionam as moções pulsionais (Roudinesco; Plon, 1998).
CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p.283-301, jul./dez. 2024 – ISSN 2674-9483

objeto. Ele então é convencido pelas forças narcísicas a manter-se vivo, rompendo com o objeto de amor (Souza; Pontes, 2017), “[...] é por meio desse trabalho que a representação do objeto é desinvestida e o sujeito pode encontrar novos substitutos” (Souza; Pontes, 2017, p. 68).

Na teoria freudiana o luto é um trabalho de superação de algo que foi perdido. Em outras palavras, quando perdemos um objeto de amor precisamos passar por um conjunto de ações psíquicas que terminam por integrar no interior do Eu aquilo que se perdeu e, assim, produzir uma abertura ao novo.

Dunker (2019) faz um recorte específico do texto freudiano **Luto e Melancolia** ao explorar apenas as características do trabalho de luto, visto que nesse presente trabalho o foco principal também é apenas o luto, será deixado de lado a análise das patologias que podem ser adquiridas acerca desse processo, tais como a depressão e a melancolia. Quando Freud define o luto como um afeto normal, ele se refere a sua transformatividade. Nesse sentido, enquanto uma reação à perda, o luto é um modo de subjetivação.

Para Dunker (2023), o luto é um trabalho que produz uma unidade a partir de diversos tempos que são vividos, nem sempre ao mesmo tempo. Nesse sentido, um luto termina quando se encaixa em uma cadeia de lutos. É possível se libertar do luto quando a perda faz série com todas as perdas anteriores, produzindo, a partir de fragmentos, uma nova unidade. O luto é, portanto, um trabalho de recomposição da perda, um modelo de criação que ao se rearticular tem a capacidade de transformar o percurso. Trata-se de reparações dos destinos possíveis para a experiência humana.

Encerro esta seção buscando definir o tema principal aqui abordado, que se refere principalmente à sublimação e como esse conceito na teoria psicanalítica tem relação com a produção artística podendo resultar na elaboração final de um processo de luto. De acordo com o dicionário *on-line* Dicio (2024), sublimação é a passagem do estado sólido diretamente para o gasoso. Purificação de uma substância volátil por meio do calor.

4 SUBLIMAÇÃO

De outra forma, a sublimação em psicanálise é um termo derivado das belas-artes (sublime), da química (sublimar) e da psicologia (subliminar) para designar ora uma elevação do senso estético, ora uma passagem do estado sólido para o estado gasoso, Freud utilizava de conceitos da termodinâmica para caracterizar o aparelho psíquico que teorizou. Ora ainda, “[...] um mais-além da consciência” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 734).

Freud definiu o termo, em 1905 no texto **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, para dar conta de um tipo particular de atividade humana: as criações literárias, intelectuais e artísticas que extraem a pulsão sexual do sujeito, excluindo a sexualidade e investindo em objetos sociais. O psicanalista usou o termo nietzschiano e alemão *sublimierung* (sublimação), em vez de usar o lado hegeliano, definido como *aufhebung* (substituição). Ou seja, Freud através do romantismo alemão definiu sublimação e afirmou, em sua visão, que apenas os artistas e criadores são dotados dela. Freud relata que depois que seu quinto filho nasceu parou de ter qualquer relação carnal, assim, direcionando sua pulsão sexual diretamente para suas obras e mostrando na prática o lugar da sublimação como uma experiência pessoal (Roudinesco; Plon, 1998).

Após a definição de sublimação em 1905, em toda obra freudiana, e especialmente nos textos reunidos sob a categoria de psicanálise aplicada, a sublimação serviu para compreender o fenômeno da criação intelectual (Roudinesco; Plon, 1998, p. 734).

A partir da introdução de narcisismo e sua segunda tópica, Freud adicionou à sublimação o conceito de dessexualização. Dessa forma, trouxe em seu livro **O Eu e o Isso**, que é possível deslocar a libido, manifestação da pulsão sexual na vida psíquica, para atividades não sexuais deixando o conceito de sublimação ligado à dimensão narcísica do Eu, ou seja, todo investimento libidinal é deslocado para si mesmo. Anna Freud, psicanalista e filha do teórico, considerou a sublimação como um mecanismo de defesa infantil que auxilia as crianças nas resoluções de conflitos. Já Melaine Klein, psicanalista austríaca, traz a sublimação como uma forma de transformar o objeto destruído pelas pulsões agressivas em um objeto bom (Roudinesco; Plon, 1998).

No contexto dos dias atuais a sublimação tem como significado: “[...] purificação” e “[...] elevação dos instintos com fins espirituais” (Porge, 2020, p. 17).

Freud definiu o termo *sublimierung* (sublimação), trazendo características que são relacionadas à pulsão, *trieb* (deriva do gozo), em vez do instinto. Apesar da definição da palavra sublimação, o sentido ainda pode ficar confuso, levando algumas pessoas a reduzirem-no apenas ao significado de um redirecionamento do sujeito às atividades não sexuais (Porge, 2020).

5 LUTO, SUBLIMAÇÃO E ARTE: POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO

Uma das formas que o sujeito pode encontrar para lidar com o luto é a sublimação, que Ligeiro (2021) define, através da **Carta 61** (1996a) de Freud, como “[...] o embelezamento e aprimoramento dos fatos que se transformaram em lembranças. Uma vez que a fantasia é uma estrutura protetora, a sublimação teria a função de atenuar o caráter traumático dos acontecimentos” (Ligeiro, 2021, p. 723). Regnault (2001), em sua obra em torno do vazio, propôs que é por meio da sublimação que a arte pode ter lugar no luto, em outras palavras, “[...] o lugar da arte em não se contentar em adornar e ilustrar a psicanálise, mas sim em propor uma organização em torno do vazio” (Ligeiro, 2021, p. 722). Ou seja, através da produção artística o sujeito é capaz de se organizar em meio a sua dor após perder o objeto de amor.

Para Freud, segundo Birman (2008), a arte, assim como também a religião e a filosofia são produzidas a partir do registro da sublimação, se estampando com o eu e com as relações do eu com seus objetos de investimento. O conceito de sublimação então é estabelecido na teoria freudiana como algo que a um só tempo se inscreve no apontamento da pulsão sexual contrapondo-se a mesma, designando a se referir juntamente com o campo da cultura. Ou seja, a sublimação apesar de ter uma relação direta com a sexualidade, não aparenta tal ligação, mas ainda assim encontra uma provocação a partir da pulsão sexual, se desviando para o social, se tornando um estímulo mental constante (Mendes, 2011).

Com o passar dos anos as formas de se abordar as mitologias foram se alterando e se ramificando, outras maneiras de se produzir surgiram e dentro da chamada cultura pop é possível perceber semelhanças entre a mitologia grega clássica e as histórias hoje consumidas por boa parte da população. As narrativas que nos constituem como sujeitos na contemporaneidade estão muito mais atreladas ao viés das figuras icônicas representadas em filmes, séries, músicas, entre todas outras

manifestações artísticas e midiáticas (Mano; Corso; Weinmann, 2018). Em certa medida, podemos considerar que faz parte do humano esse caráter criador conforme descrito a seguir:

Uma das principais formulações sustentadas por Lacan nesse momento, a propósito da sublimação, é “elevant o objeto à dignidade da Coisa”. A sublimação não se prestaria a representar a Coisa, o objeto perdido, mas a recriar o vazio deixado trazendo à cena a dimensão do que é fundamentalmente irrepresentável (Ligeiro, 2021, p. 725, grifo do autor).

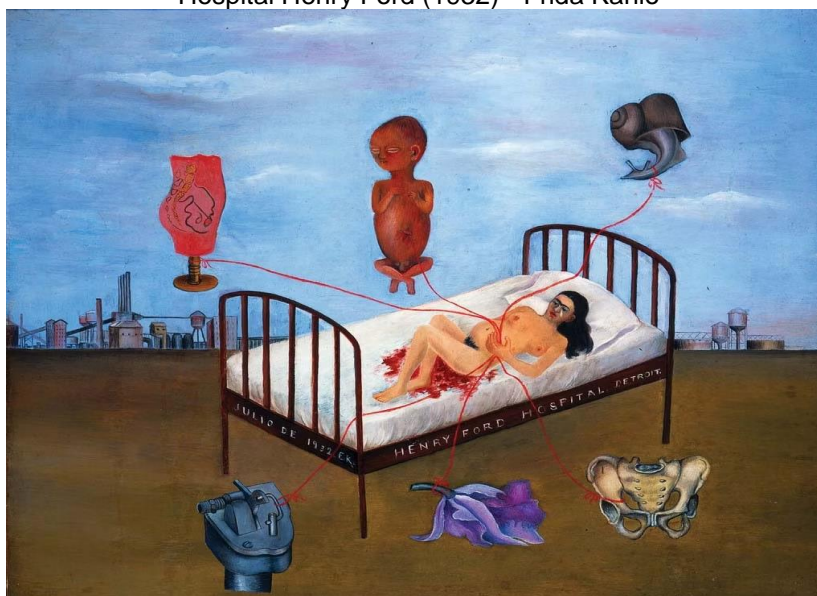
Em uma obra, segundo a teoria freudiana, o artista desenvolve através de sua arte mensagens do inconsciente (Reis, 2014). Porge (2020) traz a definição por Lacan, no seminário **O desejo e sua interpretação**, de que “[...] a sublimação se situa como tal no nível do sujeito lógico, ali onde se instaura e se desenrola tudo o que é propriamente falado, trabalho criador na ordem do logos” (Porge, 2020, p. 66). Lacan, segundo Porge (2020), ainda no mesmo seminário define o laço entre pulsão e fantasia quando também traz a sublimação como uma forma de evidenciar o desejo, ou seja, a sublimação é a pulsão, não o próprio desejo e sim o desejo em potência.

A fim de ilustração, será tomado como exemplo a vida e obra da artista mexicana Frida Kahlo. Nascida em 1907, a pintora que se inspirava no surrealismo⁵, passou por consideradas devastações de seu próprio corpo. Aos 6 anos sofreu com a poliomielite o que a fez se manter confinada em seu quarto por 9 meses e desenvolver uma atrofia na perna direita. As saias longas tihuanas, que posteriormente viraram uma de suas marcas, eram usadas para disfarçar sua deficiência. Além disso, aos dezoito anos Frida sofreu um acidente em que foi empalada resultando em diversas fraturas e no esmagamento pélvico, a fazendo passar por diversos abortos espontâneos, a impossibilitando de realizar o seu desejo de ser mãe (Castro; Lima; Dupim, 2021). Kahlo começou a produzir suas obras após o acidente, pois teve seu corpo engessado por 7 meses ficando apenas com as mãos e os pés livres. Frida usou a pintura e a escrita em seu diário como forma de inscrever seu corpo devastado nas obras, em sua maioria autorretratos (Bloss; Marssilac, 2018).

Assim, Frida começou a utilizar a pintura e a escrita como uma forma de sublimar sua dor. Como pode ser observado em tais obras:

⁵Movimento social que se desenvolveu da década de 1920 em que ações artísticas foram usadas como um meio de resistência aos padrões sociais e políticos da época, contrariando a realidade lógica e ao conservadorismo (Rocha, 2019).

Hospital Henry Ford (1932) - Frida Kahlo



Fonte: Google Imagens

A litografia acima representa o segundo aborto sofrido pela pintora, enquanto vivia nos Estados Unidos com o marido Diego Rivera. É possível observar o sofrimento de Frida através dos elementos presentes na obra como por exemplo, o feto abortado, a prótese pélvica, uma orquídea que foi dada por Diego, o caracol representando a lentidão, uma máquina representando o país em que se encontrava e um osso pélvico fraturado. Tais elementos que compõem a obra representam os diversos lutos por quais Frida estava passando: A perda do filho e a lentidão do procedimento de aborto o que prolongou de forma ainda mais intensa o sofrimento de Frida; o luto por estar fora de seu país de origem e a dificuldade de se adaptar a um novo ambiente; a orquídea parece um útero extraído e pelas palavras da própria artista é uma mistura entre o sexual e o sentimental; e por fim, o luto pelo corpo incapaz de possibilitar uma gestação à artista.

Outro ponto a ser observado é a escala que Frida escolhe usar na obra, fazendo com que ela pareça menor em relação a cama dando uma sensação de estar exposta e vulnerável. Os relatos em sua biografia mostram que a artista sofreu muito com a dor e o processo demorado do aborto passando dias sangrando e tendo ataques de desespero e tomada por pensamentos de que seria incapaz de ter uma nova gestação.

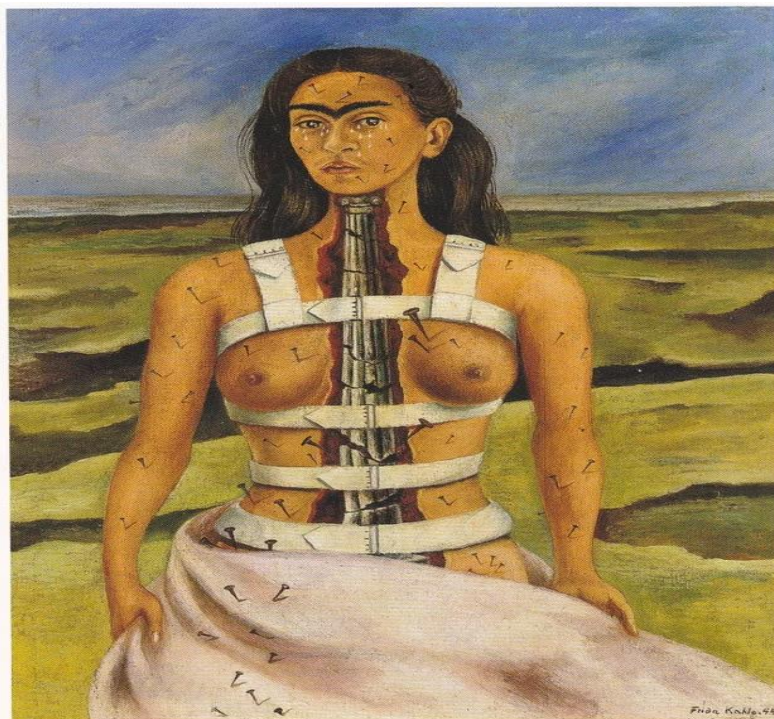
As Duas Fridas (1939) - Frida Kahlo



Fonte: Google Imagens

O quadro retrata, segundo a própria autora, a sua dualidade já que Frida liga as suas duas metades por um vaso sanguíneo. O quadro em questão pode ter duas interpretações, mas ambas relacionadas ao luto. A primeira leva em consideração seu acidente em que a artista diz que a Frida de fato morreu e que uma nova Frida nasceu após isso. Sendo assim, é possível perceber a dualidade a que a artista se refere e que esse renascimento retrata o luto do corpo perdido. Já a segunda, considera que este quadro foi feito logo após sua separação com Diego, fazendo com que ela se sentisse sozinha e abandonada pelo ex-marido. Dessa forma, é possível observar o luto de Frida pelo relacionamento perdido e sua forma de lidar com ele: se fechando em si mesma.

A Coluna Partida (1944) - Frida Kahlo



Fonte: Google Imagens

Frida Kahlo, após seu acidente, passou a sofrer com dores intensas na coluna e na perna levando-a a passar por 32 cirurgias na tentativa de se recuperar, além disso ficou imobilizada em coletes de gesso por meses, diversas vezes. A artista também não conseguiu fazer todos os procedimentos necessários por não ter condições financeiras de arcar com o tratamento.

Acamada e com equipamento adaptado Frida deu início à sua trajetória artística e pintava deitada em sua cama devido ao colete de gesso. Assim, Frida começou a representar suas dores através da arte e por isso, **A coluna partida** surgiu, mostrando o seu sofrimento após ter, de fato, a sua coluna partida, “[...] voltou-se para a pintura como cirurgia psicológica” (Herrera, 2011, p. 104).

Dessa maneira, é possível observar o luto pelo corpo ferido através da obra em questão pois nela, especificamente, Frida se desenha como um raio X na intenção de que quem visualize a obra compreenda a dor da artista. Após observar algumas obras de Frida Kahlo e saber um pouco sobre sua história é possível perceber como passou por diversos processos de luto e usou a sublimação como uma forma de lidar com as perdas de vários objetos ao longo de sua vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho refletiu sobre como a perda de um objeto pode ser elaborada através da sublimação pelo viés da produção artística. Quando o sujeito realiza o trabalho de luto pela sublimação, ele traz à tona a possibilidade de criação. Algo doloroso que não estava superado pode ser transformado em conteúdo artístico, literário e científico. A reciprocidade da psicanálise com a arte nos prova que criar é também uma maneira de elaborar o mal resolvido com o objeto perdido.

Conclui-se, a partir da primeira seção, que Freud era um admirador das artes e as levou em consideração na elaboração de sua teoria. O psicanalista considerava as obras artísticas como resultado das experiências vivenciadas pelo artista e seu psiquismo, assim, pode se dizer que a arte só existe por meio do artista e do público que a aprecia. A psicanálise não considera apenas o conteúdo retratado na obra, mas também a maneira como o espectador enxerga a obra.

O tema trabalhado na segunda seção foi a conceituação de luto através da definição de Freud no texto **Luto e melancolia**. De forma breve o luto se resume em uma passagem não patológica em que o sujeito vivencia a perda de um objeto amado e volta a libido que era depositada no objeto para si. No luto há uma elaboração possível da perda do objeto, fazendo com que este possa ser substituído. Também nesta seção é feita a diferenciação entre luto e melancolia, através dos conceitos freudianos.

Já nas seções finais estão presentes o conceito de sublimação através da definição de Freud e a articulação dos conceitos principais apresentados no trabalho. Além disso, as obras da artista Frida Kahlo são usadas como exemplo de articulação entre os conceitos arte, luto e sublimação. O último capítulo aborda em específico três obras da artista, são elas: Hospital Henry Ford, As Duas Fridas e A Coluna Partida.

REFERÊNCIAS

AUTUORI, Sandra; RINALDI, Doris. A arte em Freud: Um estudo que suporta contradições. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 34, n. 87, p. 299-319, dez. 2014. **ISSN:** 1415-711X versão *on-line*. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2014000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 jun. 2023.

BIESDORF, Rosane Kloh. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 7, n. 1, 2012. Não paginado. DOI: <https://doi.org/10.5216/rir.v2i11.1199>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/20333>. Acesso em: 20 jun. 2023

BIRMAN, Joel. Criatividade e Sublimação em psicanálise. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 11-26, maio 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/tJ5yh3qsRzF4g8sVKDHshKB/?lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BLOSS, Geresa Morgana; MARSILLAC, Ana Lúcia Mandelli de. O diário de Frida Kahlo em questão. **Cadernos de Psicanálise | CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 39, p. 29-49, 28 nov. 2018. ISSN: 1413-6295 versão online. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-62952018000200002. Acesso em: 20 jun. 2023.

DICIO. **Dicionário On-line de Português**. Porto: 7Graus, 2024.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Lutos finitos e infinitos**. 1. ed. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Teoria do luto em Psicanálise. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 28-42, jul./dez. 2019. ISSN: 2316-1442 versão *on-line*. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226>. Acesso em: 10 de abr. 2024.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. *In*: FREUD, Sigmund. **A História do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 271-294.

FREUD, Sigmund. Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância. *In*: FREUD, Sigmund. **Cinco lições de Psicanálise, Leonardo Da Vinci e outros trabalhos (1910)**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 67-142.

HERRERA, Hayden. **Frida: a biografia**. São Paulo: Globo, 2011.

KAHLO, Frida. **Hospital Henry Ford**, 1932. *Google* Imagens. Disponível em: https://www.google.com/search?sca_esv=53e748caa665f952&sca_upv=1&sxsrf=ADLYWILcmpEF0nexKYpaKiyzz-RG14Y-Jg:1717530325237&q=KAHLO,+Frida.+Hospital+Henry+Ford,+1934&udm=2&fbs=A EQNm0AuaLfhdxr2b9ODfK0pnmi046uB92frSWoVskpBryHTtShVNbk-60xlcGTvYzJ-DKSTGtJjS2FjB5pmTql0ubR5COwup-84DRI4TBMTyGTZvR2wQNNUxZFITGP9w-kUjoQPMqsR8Q2-ZsQRgRfDfX4x0xEps3t3ZHuMPR57n6eA5sF54kQTNPd1yvyYTtaNUtyQONvHfurshD6Zo_ZeQJhdK9-Kg&sa=X&ved=2ahUKEwirwrSH28KGAXveqUCHQsIDcUQtKgLegQIDxAB&biw=1707&bih=801&dpr=0.8. Acesso em: 13 mar. 2024.

KAHLO, Frida. **As duas Fridas**, 1939. *Google Imagens*. Disponível em: https://www.google.com/search?q=KAHLO%2C+Frida.+As+duas+Fridas%2C+1939&sca_esv=53e748caa665f952&sca_upv=1&udm=2&biw=1707&bih=801&sxsrf=ADLYWllcV_Ep5xCJMrTjIPnweGhOe_BcUg%3A1717530419088&ei=M29fZpb_BPLU1sQP55eTwAU&ved=0ahUKEwjW5JS028KGAXVyqpUCHefLBFgQ4dUDCBA&uact=5&oq=KAHLO%2C+Frida.+As+duas+Fridas%2C+1939&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcnAilk tBSExPLCBGcmkYS4gQXMgZHVhcyBGcmkYXMsIDE5MzllsBRQIA9YIA9wAXgAk AEAmAGLAAABiWgqAQMwLjG4AQPIAQD4AQL4AQGYAgGgAk_CAgQQIxgnmAM AiAYBkgcBMAAHLQ&sclient=gws-wiz-serp. Acesso em: 13 mar. 2024.

KAHLO, Frida. **A coluna partida**, 1944. *Google Imagens*. Disponível em: https://www.google.com/search?q=KAHLO%2C+Frida.+A+coluna+partida%2C+1944&sca_esv=53e748caa665f952&sca_upv=1&udm=2&biw=1707&bih=801&sxsrf=ADLYWIKrejNqDiDs55rSYekeJDetvH1Dmw%3A1717530507454&ei=i29fZoCaG7PY1sQP5uaN8AY&ved=0ahUKEwjAi6be28KGAXUzrJUCHWZzA24Q4dUDCBA&uact=5&oq=KAHLO%2C+Frida.+A+coluna+partida%2C+1944&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcnAij EtBSExPLCBGcmkYS4gQSBjb2x1bmEgcGFydGlkYSwgMTk0NDIEECMYJ0jkOIDu J1juJ3AFeACQAQCgAQCqAQC4AQPIAQD4AQL4AQGYAgWgAr8BmAMAiA YBkgcBNaAHAA&sclient=gws-wiz-serp. Acesso em: 13 mar. 2024.

LIGEIRO, Vivivan Martins. Testemunhos do vazio: o valor da sublimação na psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 721-745, set. 2021. **DOI:** <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p721.13>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/TTzfRy6g3ngScPvnYFPVWkR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2023.

LIGEIRO, Vivivan Martins; COUTINHO JORGE, Marco Antônio. Psicanálise e arte: o triunfo do real. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 49, p. 15-29, jul. 2018. **ISSN:** 0100-3437 versão *on-line*. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 jun. 2023.

LIMA, Larissa Tainá Barbosa de; CASTRO, Heloisa Maria da Silva; DUPIM, Gabriella. A devastação feminina no corpo de Frida Khalo. *In:* FERREIRA, Ezequiel Martins (org.). **A pesquisa em psicologia: contribuições para o debate metodológico**. Ponta Grossa: Atena, 2021. p. 08-22. **DOI:** <https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115122>. Acesso em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/a-devastacao-feminina-no-corpo-de-frida-kahlo>. Acesso em: 10 abr. 2024.

LOBRAICO, Francisco Luiz. Momentos de arte na análise. **Estudos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 95-96, set. 2006. **ISSN:** 0100-3437 versão *on-line*. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372006000100014&script=sci_abstract. Acesso em: 02 jun. 2023.

LOPES, Anchyses Jobim. Afinal, que quer a música?. **Estudos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 73-82, set. 2006. **ISSN:** 0100-3437 versão *on-line*. Disponível

em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100011. Acesso em: 02 jun. 2023.

MANO, Gustavo; CORSO, Mário; WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Psicanálise e cultura pop: os mitos no contemporâneo. **Psicologia USP**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 78-86, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-656420160115>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/xHvhVQNxDN3Z65rMkbbkJqrm/?lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2023.

MARTINS, Daniela de Carvalho e Souza. **Arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos**. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação Artística)-Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10008/2/ULFBA_TES665.pdf. Acesso em: 03 jun. 2023.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. PS - Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 33, n. 62, p. 55-67, set. 2011. ISSN: 0102-7395 versão *on-line*. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 jun. 2023.

MONTEIRO, Marli Paiva. O poeta, o analista e o tradutor. **Estudos de Psicanálise, Círculo Brasileiro de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 107-110, set. 2006. ISSN: 0100-3437 versão *on-line*. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-34372006000100016&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 22 jun. 2023.

PORGE, Érik. **A sublimação, uma erótica para a psicanálise**. São Paulo: Aller, 2019.

QUINET, Antônio. **O inconsciente teatral - Psicanálise e teatro: homologias**. 1. ed. Rio de Janeiro: Atos e divãs, 2019.

REGNAULT, François. **Em torno do vazio: a arte à luz da psicanálise**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.l.], v. 34, n.1, p. 142-157, jan. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vdgTHLvfkzynKFHnR84jqP/?lang=pt#>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ROCHA, Thayná Alves. Surrealismo: gênese de uma leitura revolucionária. **Temporalidades – Revista de História**, [S.l.], v. 11, n. 31, p. 473-491, set./dez. 2019. ISSN: 1984-6150. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/download/6111/16220/>. Acesso em: 09 jun. 2024.

ROSSI, Cláudio. Arte e psicanálise na construção do humano. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 62, n. 2, p. 25-27, 2009. **ISSN**: 2317-6660 versão *on-line*. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000200010. Acesso em: 07 nov. 2023.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOUZA, Andressa Mayara Silva; PONTES, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. **Analytica**, São João del-Rei, v. 6, n. 1, p. 66-85, jan./jun. 2017. **ISSN**: 2316-5197 versão *on-line*. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/1983/1352>. Acesso em: 22 jun. 2023.

TIBURI, Márcia. O luto da arte. **Revista Cult**, [on-line], v. 145, abr. 2010. Não paginado. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-luto-da-arte/>. Acesso em: 31 out. 2023.

VIEIRA, Marcus Rodrigues Jacobina; CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa. O trabalho criativo: perda, luto e metáfora. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 50-66, jun. 2016. **ISSN**: 1983-8220 versão *on-line*. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202016000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 jun. 2023.